

DICAS DE PORTUGUÊS

Do site: <http://notitia.truenet.com.br/desafio21/newstorm.notitia.apresentacao.ServletDeNoticia?codigoDaNoticia=1818&dataDoJornal=atual>

Super: Junto ou Separado?

Embora seja freqüente, em anúncios publicitários, encontramos super separado do termo que qualifica, o correto é que, como prefixo, seja colado à palavra seguinte (superoferta, por exemplo). Exceções apenas às palavras iniciadas por h ou r: super-homem, super-rápido, etc.

Caça ao Gerundismo

Se você é daqueles que perde a paciência quando a atendente do *call center* diz que "vai estar lhe transferindo" para outro setor, essa notícia é um pequeno alento. Desenvolvida pela área de Recursos Humanos da Atento Brasil, empresa de *contact center*, a campanha Caça ao Gerundismo já conseguiu reduzir em 80% o uso incorreto do gerúndio no atendimento. A campanha começou no segundo semestre do ano passado e vem sendo realizada junto aos 53 mil funcionários da empresa, que atende, entre outros clientes, a operadoras de telefonia celular. A meta é aperfeiçoar o atendimento ao cliente, extinguindo definitivamente os "vou estar lhe passando" e afins.

Objetividade na Escrita

Muita gente peca por excesso de formalidade ou uso abusivo de chavões na redação empresarial. Para ser eficiente, um texto precisa ser claro e objetivo. Veja algumas expressões utilizadas comumente e sugestões de como substituí-las por opções menos rebuscadas.

No lugar de:	Escreva:
Acusamos o recebimento de	Recebemos
Agradecendo a atenção dispensada	Agradecemos
Acima citado	Citado
Antecipadamente gratos	Gratos
Aproveitamos o ensejo para comunicar	Comunicamos
Através dessa missiva, informamos	Informamos
De acordo com o supracitado	Conforme exposto
Essa missiva tem por finalidade	Nosso objetivo é
Levamos ao conhecimento de	Informamos
No que tange a	Em relação a/Quanto a

Virgula e "etc."

Os gramáticos mais tradicionalistas insistem para que, antes de "etc.", não se empregue vírgula, mas o uso contemporâneo consagrou a vírgula antes dessa expressão latina. Se a vírgula vier depois, o ponto deve permanecer. E, se "etc." vier no final do período, não precisa se usar mais um ponto: basta o ponto do próprio "etc.". "Etc." significa "e outras coisas", "e outros da mesma espécie". Curiosamente, também pode ser empregado para se referir a pessoas, mas, por elegância, é desaconselhável. Supõe-se que ninguém gostaria de ficar oculto numa lista assim: "José, Pedro, etc."

Repetir É Normal, Mas Não Faz Bem

Quem redige sabe muito bem que a repetição de palavras e termos cognatos é uma erva daninha para o estilo. Uma frase, um período ou parágrafo que, por exemplo, mencionem, muito proximamente, "visitas" e "visitantes" ou que falem de uma fábrica que "produz" "produtos" merecem ser reescritos. A repetição é natural e quase sempre imperceptível para o próprio redator, mas — fique claro — não faz bem à estética e ao bom gosto. Por isso, uma boa revisão não pode deixar de arrancar essa "erva daninha" textual.

O "Mau Colesterol" dos Textos

Um crítico literário francês advertia com simplicidade: "Se quer dizer que chove, diga: 'Chove'". Antes de escrever, muitas pessoas ficam como que diante de um guarda-roupa de inúmeras opções, tentadas a vestirem o que habitualmente não vestem... para "fazerem bonito"! Mas não é preciso "fazer bonito", é preciso apenas clareza e eficácia, sobretudo quando se trata de textos para a vida profissional. Portanto, evite a tentação do excesso verbal — ele é o "mau colesterol" dos piores textos. Se tiver tempo de deixar seu texto "de molho", não hesite: passe a "tesoura", corte a "gordura"!

Todo Elo É de Ligação

Cuidado com o excesso de palavras. Não raro isso leva a redundâncias inadmissíveis, que revelam desconhecimento e contam pontos negativos para a imagem de qualquer um. É o caso de expressões como "elo de ligação", "habitat natural" e "monopólio exclusivo", só para citar algumas mais comuns. Em todas elas, o complemento é dispensável, já que todo elo é de ligação, todo habitat é natural e não há monopólio que não seja exclusivo. Encaixam-se na mesma categoria de "subir para cima", "descer para baixo", "ver com os olhos", etc.

Nunca Diga "Plus a Mais"

Não é difícil, no ambiente corporativo, ouvirmos alguém usar a expressão "Isso é um plus a mais oferecido pela empresa". Trata-se de um pleonasma e de um uso totalmente inadequado desse estrangeirismo, uma vez que plus já significa a mais, em francês. Portanto, a frase correta seria "Isso é um plus oferecido pela empresa". "Plus a mais" não existe.

Para Escrever Claramente

Escrever com clareza é muito importante para estabelecer uma comunicação eficiente no ambiente profissional. Veja alguns "princípios da redação clara", segundo o livro *O Poder da Simplicidade*, de Jack Trout e Steve Rivkin.

1. Dê preferência às sentenças curtas.
2. Prefira a palavra mais simples à mais complexa.
3. Escolha a palavra mais familiar.
4. Evite palavras desnecessárias.
5. Coloque ação em seus verbos.
6. Escreva como você fala.
7. Escreva para se expressar, não para impressionar.

Escrever é Deletar!

O escritor Marques Rebelo afirmou que "escrever é cortar". Hoje, com o Word, poderia dizer: escrever é deletar. Em busca da concisão, considere:

1. "*Inutilia truncat*": cortar o inútil.
2. Cuidado com advérbios e adjetivos: serão mesmo necessários?
3. "Encher lingüiça" é tomar tempo do leitor.
4. Depois de certo tempo, reler o texto. E... deletar!
5. Evitar redundâncias.
6. Usar períodos mais curtos.
7. Lamber a "cria" com o ego menos satisfeito.

Alto e Bom Som

Há, na língua, expressões que têm uma espécie de sobrevida. Ao seu redor, muitas palavras já morreram e foram sepultadas, mas elas insistem em estar na memória coletiva e em circulação. São velhas e elegantes damas, ainda capazes de seduzir as gerações mais jovens. Esse é o caso de "alto e bom som". É útil, é simpática e tem o

seu charme. Mas a expressão "alto e bom som" deve ser usada sem a preposição "em" por mais estranho que pareça. Exemplos: "Falei alto e bom som"; "Ele disse alto e bom som que a amava".

Preciso "de", não!

"Preciso de falar uma coisa urgente com o meu gerente". Incrível, mas muita gente ainda comete esse erro imperdoável de português. Só usamos a preposição "de" após o verbo precisar quando o complemento verbal é um substantivo ou pronome. Por exemplo: "Preciso de dinheiro"; "Preciso de você". Quando o complemento é um verbo no infinitivo, a preposição não é utilizada. "Preciso falar uma coisa urgente com o meu gerente"; "Preciso fazer algo"; "Preciso pensar em uma solução para esse problema".

Cuidado com o "De Encontro"

Muita gente usa a expressão "de encontro" no sentido errado. Na verdade, gostaria de dizer "ao encontro". "A sua opinião vem de encontro à minha". Isso quer dizer: "A sua opinião é contra a minha". O correto seria: "A sua opinião vem ao encontro da minha". Portanto, cuidado: quem "vai de encontro" vai bater em algum lugar...

Nunca Use "O Mesmo"

Se há um vício de linguagem absolutamente abominável é aquele de usar a terrível expressão "o mesmo" ou "a mesma" para designar de que/quem se está falando. Exemplo famoso, ligeiramente modificado, escrito na parede de um bar: "O rei da feijoada, o mesmo do pé-de-porco". Nesse exemplo tenebroso, bastava colocar no lugar de "o mesmo" a simples conjunção "e": "O rei da feijoada e do pé-de-porco". Na cidade do Recife, uma lei municipal exige que em todos os lugares onde haja uma porta de elevador seja afixada, bem visível, a seguinte inscrição: "Aviso aos usuários: antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar". Nada contra a lei. Tudo contra a expressão, que bem poderia ser substituída, com enorme vantagem, por exemplo, apenas pelo pronome "ele", em prol da saúde mental dos usuários que, na maioria das vezes, têm como única opção de leitura, no ambiente, o aviso com a poluidora expressão.

Nunca Diga "Meia Aberta"

"A porta estava meia aberta" é uma expressão tão comum quanto errada. Não se usa, no moderno português, a palavra meia como feminino de meio, no sentido de "um pouco", com função de advérbio. Nessa condição, a palavra é invariável, não flexiona o gênero. Certo: "Ela estava meio cansada". Errado: "Ela ficou meia deprimida".

Evitando lugares-comuns

Na hora de falar ou escrever, tenha cuidado com os chavões e pleonasmos. São expressões comuns, que muitas vezes escapolem sem você perceber, por força do (mau) hábito, mas que podem arranhar sua imagem de bom orador e/ou redator. Veja alguns exemplos: Certeza absoluta. Basta ter certeza. O absoluta é redundante. "Tenho certeza de que o plano de paz irá funcionar no Oriente Médio." Terminantemente proibido. O terminantemente também sobra. Algo ou é proibido ou é permitido. Não existe meio proibido, nem terminantemente proibido. Outra alternativa. Se é alternativa, já é outra. Então, diga apenas "Ele não tem alternativa". Evite também expressões batidas, como fechar com chave de ouro, perda irreparável, prejuízo incalculável, sonora vaia, vitória esmagadora, chegar a um denominador comum, inserido no contexto, propriamente dito, conjugar esforços, entre outros lugares-comuns.

Não diga "a nível de"

Apesar de combatida em outras edições da Desafio 21, a expressão "a nível de" parece ganhar cada vez mais força entre profissionais dos mais variados estilos e áreas de atuação. O problema é que "a

nível de", além de ser uma expressão vazia que nada acrescenta à frase, também é gramaticalmente incorreta. Quem a utiliza passa uma imagem de pedantismo e desinformação. A boa notícia é que essa expressão é facilmente evitável. Em vez de dizer "Atuamos a nível de Brasil", prefira "Atuamos em todo o Brasil". No lugar de "Este problema deve ser resolvido a nível de governo", use "Este problema deve ser resolvido pelo governo". Neste, como em muitos casos, menos é mais.

Quando "Ver" vira "Vir"

Pode parecer estranho, mas é o correto. O verbo "ver" transforma-se em "vir" quando usado no futuro do subjuntivo. Exemplo: "Se eu vir com meus próprios olhos, poderei acreditar". As demais pessoas desse tempo também substituem o "e" pelo "i": vires, vir, virmos, virdes, virem. Os verbos "prever", "rever" e "antever" seguem o mesmo caminho.

A rigor, ninguém é "comunicado"

"Ele já foi comunicado da decisão do gerente?" Esse é um erro literal de português muito comum no ambiente de trabalho. Na verdade, uma decisão é comunicada, mas ninguém "é comunicado" de alguma coisa. Assim, o correto é dizer: Ele já foi informado (ou avisado) da decisão. Também não é considerado correto dizer: A diretoria "comunicou" os empregados da decisão. Opções corretas: A diretoria comunicou a decisão aos empregados. / A decisão foi comunicada aos empregados.

Nunca diga "menas" nem "perca"

Alguns erros de português provocam estragos devastadores na imagem do profissional. Entre os mais graves estão o uso equivocado de duas palavrinhas que ainda confundem muita gente. Nunca, mas nunca mesmo, diga "menas" ou use "perca" como substantivo.

Menas - Apague essa palavra de seu dicionário. "Menas" não existe. O correto é "menos", mesmo que a palavra seguinte venha no feminino: menos escolas, menos pobreza, menos denúncias de corrupção.

Perca - Nunca utilize "perca" como substantivo, no sentido contrário de "ganho". O certo é "perda": perda de material, perda de poder aquisitivo, perda de memória. "Perca" é verbo (sentido contrário de encontrar): não se perca de mim, não perca credibilidade falando errado.

Empregando a crase corretamente

Muita gente ainda erra na hora de empregar a crase por esquecer uma regrinha básica. A crase é a união do artigo "a" com a preposição "a" — portanto, nunca deve ser utilizada antes de palavras masculinas. Não se deve crasear, por exemplo, expressões como: O restaurante faz entrega a domicílio; A moça estava a salvo; Deixou os marujos a bordo; Fez todo o percurso a pé; Falamos muito a respeito disso; A maior parte das venda é feita a prazo, entre outros.

"Possa ser" é um horror

Este é um erro grave, mas bastante comum. Preste atenção e nunca, mas nunca mesmo, diga "possa ser", no sentido de "é possível". "Possa ser que ele vá à reunião", ou "possa ser que a entrega do produto atrase". Está errado. O certo é "pode ser": "pode ser que ele vá" ou "pode ser que a entrega do produto atrase".

Anexo, simplesmente

É freqüente o uso da expressão "em anexo", condenada pelos gramáticos por não encontrar respaldo na tradição da língua. O correto é usar simplesmente anexo, que é adjetivo e, portanto, concorda com o substantivo a que se refere. Exemplos: Anexa, segue a carta de apresentação; Seguem, anexos, os documentos.

Deve-se evitar também usar anexo como particípio de anexar. Logo: As cartas foram anexadas [e não anexas] ao documento principal.

Sempre "há" no passado

O uso do há e a ainda provoca muita confusão. Mas a regra é simples. Há indica passado e pode ser substituído por fez: Já a exprime tempo futuro ou distância (não pode ser substituído por faz): Chegou há duas horas/ Ela viajou há menos de uma semana. O avião chegará daqui a pouco /Ficou a pouco mais de dez metros do seu ídolo.

Sem vogal no meio

Esta é uma dica para a pronúncia. Em uma palavra, nunca se deve pronunciar a consoante que antecede outra como se houvesse uma vogal entre elas. O certo é opção e não "o-pi-ção", ad-vogado e não "a-de-vogado", estag-nar e não "esta-gui-nar", adept-o e não "adé-pi-to", sub-solo e não "su-bi-solo", ab-soluto e não "a-bi-soluto", Ed-gar e não "E-di-gar", ec-zema e não "e-qui-zema", etc.

Acerca de - a cerca de - há cerca de

As expressões existem em nossa língua e estão absolutamente corretas. A confusão surge no momento de usá-las, por serem casos distintos. .

Acerca de é uma locução prepositiva e significa a respeito de, sobre... Exemplo: O ex-patrão deu boas referências acerca de Pedro.

A cerca de, na verdade, locução mais sintética: cerca de. "Cerca de dez pessoas ficaram soterradas à noite, quando a barreira deslizou." O a é preposição e uma contingência regencial: Pedi a cerca de vinte jornalistas que ficassem atentos às últimas notícias. Tem valor de aproximadamente, perto de, mais ou menos e só deve ser utilizado com números redondos - 10, 20, 50, 100...

Há cerca de nada mais é do que a locução prepositiva antecedente, acompanhada do verbo haver na aceção de tempo decorrido. As aulas recomeçaram há cerca de duas semanas.

"Cerca de"... quantos?

"Cerca de 22 pessoas participaram do velório". A frase, errada, foi recentemente veiculada em um jornal de grande circulação nacional. O equívoco também é cometido por muita gente. Na verdade, "cerca de" é uma expressão que indica arredondamento e, por isso, não deve ser usada junto a números exatos. O correto seria: "Cerca de 20 pessoas participaram do velório".

"Ao meu ver"

"Ao meu ver, essa frase está errada." E está mesmo, embora muita gente insista em usar a construção equivocada. Não existe artigo nessa expressão. O correto é: a meu ver, a seu ver, a nosso ver.

Este ou esse?

Na maioria dos casos, devemos usar esse, o pronome que se emprega para o que já foi citado ou para aquilo que está perto do outro, do interlocutor: Esse seu carro é bonito; Falei desses ensinamentos para a platéia.

Já este indica termos que vão ser citados. Exemplo: Os objetivos foram estes: treinar, capacitar e informar. Usa-se também para referir o "lugar" do qual se fala: Nesta cidade onde moro; Este texto é curto.

Logo após a palavra citada, pode-se usar este. Exemplo: O outro jogador era Pelé. Este, como sempre, insuperável. O contexto regulará esse tipo de uso.

Interviu errado

O verbo intervir costuma confundir muita gente. É comum vermos construções como: "O governo interviu"; "Os militares intervieram".

Está errado. Intervir é conjugado da mesma forma que o verbo vir. Assim, o certo é: "O governo interveio"; "Os militares intervieram".

Sujeito indeterminado

Nunca diga: "Precisam-se" de empregados. Verbos transitivos indiretos, que exigem preposição, não podem variar nesses casos, porque o sujeito é indeterminado. O pronome "se" torna indefinido o agente da ação verbal. O correto é: precisa-se de empregados; trata-se dos melhores restaurantes; conta-se com os amigos. O contrário acontece quando o verbo é transitivo direto, como em alugam-se casas e ouviram-se gritos. Nesses casos, os sujeitos das frases são os substantivos casas e gritos, logo os verbos têm que concordar com eles. Em caso de dúvida, é só colocar o sujeito na frente: casas são alugadas, gritos foram ouvidos.

Apóstrofo

Esse nome estranho é usado, em português, para designar aquele sinal, semelhante a uma vírgula, que indica a eliminação de uma letra: d'água, d'alma, etc. Por isso, nunca se deve usá-lo em plural de siglas e abreviaturas. Para pluralizar basta acrescentar um "s". Exemplos corretos: CDs, Ufirs, TVs. E incorretos: CD's, TV's, etc.

Muito obrigada

Todo cuidado é pouco com alguns erros de Português muito comuns que, de tão cometidos, ficam quase que incorporados à linguagem coloquial e podem comprometer uma imagem profissional, na hora de falar ou escrever.

"Obrigado", ela disse. Certo? Errado! Obrigado é variável e concorda com a pessoa que fala. A mulher diz "Obrigada" e o homem, "Obrigado". Se você fala em nome de um grupo, é correto dizer: "Muito obrigados por tudo".

Ao agradecer dessa forma é como se a pessoa estivesse dizendo: "Diante desta sua atitude (nobre, simpática, atenciosa, etc.), eu me sinto muito obrigado/obrigada a retribuir". Daí a concordância de gênero

"Há" ou "a"?

O uso do verbo "Há" e da preposição "a" costuma causar uma certa confusão e muitos estragos. Há uma regra para evitar problemas. O verbo haver deve ser usado em expressões que indicam tempo já passado, como por exemplo: "Isto aconteceu há vinte anos." Nesse sentido, é equivalente ao verbo fazer: "Isto aconteceu faz vinte anos." Já a preposição "a" deve ser usada nos casos em que há referência a um tempo futuro e a substituição pelo verbo fazer é impossível: "A eleição para presidente será daqui a dois anos".

Nunca diga

Muito cuidado com alguns erros bastante comuns. Morda a língua a tempo e nunca diga:

1. "Fazem" dez anos. Fazer, no sentido de tempo, é impessoal e não varia. O certo é Faz dez anos.
2. "Houveram" muitos casos. Haver, no sentido de "existir", também é invariável: Houve muitos casos é o certo.
3. Para "mim" fazer. Mim não faz, porque não pode ser sujeito. O certo é : Para eu fazer, para eu dizer, para eu trazer.

Maiúsculas

Que o Brasil é grande, todo mundo sabe, mas nem por isso se deve ceder à epidemia das letras maiúsculas. Às vezes, tem-se a impressão de que os brasileiros querem imitar o que ocorre no alemão, língua em que todos os substantivos devem ser grafados com inicial maiúscula. Apenas em arte e propaganda, pode-se ter

uma flexibilidade com o uso estilístico das maiúsculas. Casos em que o uso é obrigatório: (1) nomes de artes, ciências, disciplinas e altos conceitos; (2) nomes sagrados, religiosos, mitológicos e astronômicos; (3) títulos de obras e criações; (4) nomes de ruas; (5) nomes de atos, leis, decretos; (6) expressões de tratamento e designativos de títulos; (7) eras e fatos históricos; e, naturalmente, (8) nomes próprios de pessoas, instituições e empresas. Fora disso, não se deve ter pudor de usar as minúsculas.

Quem prefere mais?

É errado dizer: "Prefiro mais isso do que aquilo". Sempre prefere-se uma coisa a outra, portanto tanto o mais como o do que estão sobrando. O certo é: Prefiro isso àquilo.

Cuidado com as siglas

Siglas estão por toda parte e sua grafia merece cuidado. Caso tenham apenas três letras, todas devem ficar em maiúscula: OAB; IAB, ITA, CBF, etc. Em maiúsculas também devem ficar aquelas que pronunciamos letra por letra, como INSS e ACSP. Caso as siglas formem uma palavra, grafam-se em caixa alta e baixa: Sudene, Fiepe, Fiesp, Empetur. Caso necessitem fazer plural, basta acrescentar um "s": PMs, OABs, IABs, Creas.

Lesbianismo ortográfico

Millôr Fernandes afirmou, certa vez, que a crase é um "caso de lesbianismo ortográfico". Isso, de certa forma, é verdade, pois o "a" preposição se funde ao "a" artigo feminino. Por isso, uma das regras para bem usar a crase diz que esta só deve ser empregada diante de palavra feminina (e que admita antes o artigo "a"!). Daí a regra prática de se substituir a palavra posterior ao "a" por um nome masculino para observar se o "a" preposição junta-se ao "o" artigo. Por exemplo, usa-se crase em "fui à praia" porque seria possível dizer "fui ao campo".